

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
REVOLUÇÃO . LIBERDADE . COMUNIDADE . FUTURO
20 de junho de 2024

ETERNAL SUNSHINE OF THE SPOTLESS MIND / 2004
(*O Despertar da Mente*)

Um filme de Michel Gondry

Realização: Michel Gondry / *Argumento:* Charlie Kaufman baseado numa história de Charlie Kaufman, Michel Gondry e Pierre Bismuth / *Direção de Fotografia:* Ellen Kuras / *Montagem:* Valdís Óskarsdóttir / *Produção:* Steve Golin e Anthony Bregman / *Produção Executiva:* David Bushell, Charlie Kaufman, Glenn Williamson, Georges Bermann / *Produção Associada:* Linda Fields Hill, Michael A. Jackman / *Som:* Eugene Gearty / *Música:* Jon Brion / *Design de Produção:* Dan Leigh / *Direção de Arte:* Dan Leigh / *Guarda-roupa:* Melissa Toth / *Casting:* Jeanne McCarthy / *Interpretações:* Jim Carrey (Joel Barish), Kate Winslet (Clementine Kruczynski), Kirsten Dunst (Mary), Mark Ruffalo (Stan), Elijah Wood (Patrick), Tom Wilkinson (Dr. Mierzwiak), Jane Adams (Carrie), David Cross (Rob), Deirdre O’Connell (Hollis), Debbon Ayer (Mãe de Joel) / *Cópia:* 35mm, a cores, falado em inglês com legendas em português / *Duração:* 108 minutos / *Estreia Mundial:* 9 de março 2004, Los Angeles, Califórnia / *Estreia Nacional:* 20 de maio de 2004 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

“O tema é, como em todos os outros [filmes], a reconstrução do passado, ou a persistência da memória.” A frase pertence a João Bénard da Costa e diz respeito não à segunda longa-metragem de um realizador de videoclipes, antigo baterista da banda Oui Oui, chamado Michel Gondry mas a outro francês, à data desse título já um veterano cineasta, nome de proa da Nouvelle Vague: Alain Resnais. **Je t’aime, je t’aime**, título lançado no ano quente de 1968, tendo fracassado nas bilheteiras e junto de alguma crítica, contava a história de uma experiência científica com tudo para correr mal, pois batia de frente com uma aventura amorosa que havia culminado em tragédia. A fábula pessoalíssima tinha como protagonista Claude, recrutado para “viajar no tempo” por inventores de uma máquina bem estranha, uma espécie de ventre almofadado onde o viajante se deixava afundar no seu passado (diga-se: organismo perfeitamente pré-cronenberguiano). O mau funcionamento da máquina iria converter Claude num “rato de laboratório” à deriva no labirinto da sua própria vida, numa narrativa cravejada por múltiplas agruras sentimentais. O mau funcionamento – qual “erro no sistema” – traduz-se na fragmentação dessas memórias de tempos idos, uma forma de desordenação do *storytelling* que, como alguns críticos notaram, não era de todo estranha ao realizador de **L’année dernière à Marienbad** (1961). Também o dispositivo que “opera” sobre as memórias dos protagonistas de **Eternal Sunshine of the Spotless Mind** é tudo menos fiável. E a lógica reinante da fragmentação – uma desformatação narrativa com tanto de fantástica e surrealista como de íntima ou estritamente psicanalítica – também é familiar à escrita fílmica tanto de Charlie Kaufman como de Michel Gondry, realizador e criador visual de vídeos musicais para uma variedade grande de músicos e bandas, tais como The Chemical Brothers, Daft Punk, Bjork ou, artista que pontua a trilha sonora deste filme, Beck.

“Change your heart / Look around you / Change your heart / It will astound you”, canta Beck em *Everybody’s Got to Learn Sometime*, leitmotif usado por Gondry e pelo compositor Jon Brion para “comentar” a vida em fanicos do protagonista interpretado por Jim Carrey. A palavra-chave é, claro, “mudança”, já que neste filme fragmentário, sobre a possibilidade (para)científica de se eliminar a imagem mental de um amor passado, o que persiste e resiste é mesmo “a memória”. Mudar de vida, *intervindo* – modificando ou reparando – a nossa vida interior, aquilo que nos define presentemente, isto é, *quem fomos para nós mesmos*. Costuma dizer-se que não devemos voltar ao lugar onde fomos felizes, mas o nosso protagonista e o seu par romântico vêm-se obrigados a reviver essa paixão intensa que os ligou para, definitivamente, a eliminar da sua mente e, desse modo, despertar para a vida com “um espírito imaculado”, como “canta” o poema de Alexander Pope de onde Kaufman retirou o título do filme. A lição mais poderosa a retirar desta “viagem na mente” é que regressar ao lugar da felicidade (mas também da infelicidade) significa reconhecer que tudo isso, até ou sobretudo a mácula, é algo que nos define e que simplesmente eliminar todas as nossas nódoas negras sentimentais também pode traduzir-se num processo de recuo tanto em relação àquilo que somos como àquilo que podemos vir a ser. A ironia fina e, se pensarmos bem, algo cínica do filme, em particular contida no seu belíssimo desfecho, prende-se com uma certa dimensão fatalista que caracteriza as histórias dos amores arrebatados: eles condenam-nos à repetição se não aprendermos a lidar com os seus movimentos em falso, becos sem saída e desfechos “trágicos”. E o filme, como organismo mutante, fragmentário, melancólico, “triste e belo” tal qual o tema de Beck, também opera desta maneira, a começar pelo fim, oferecendo pistas falsas sobre a ordem dos acontecimentos deste tão *sui generis boy meets girl*. É por isso que os créditos de abertura surgem ao minuto 17, quando já fomos sugados pela história típica de amor, que Hollywood tão bem nos sabe contar vezes sem conta, com poucas alterações, simulando uma originalidade perdida (e sempre pedida ou reclamada por nós, espectadores ávidos de histórias alimentadas por sentimentos fortes).

Gondry, que tem como principal herói fílmico “o mágico” Méliès, constrói uma narrativa profusamente imaginativa com tanto de humana, demasiado humana, quanto de feérica, produzindo ligações surpreendentes entre *décors* física e temporalmente diferidos, e alternando entre o sonho e a realidade (a linguagem dos sonhos entrosada na mecânica da memória?), entre o passado e o presente, uma possibilidade de futuro e uma possibilidade de passado, enfim, *entre um passado “outro” e um novo futuro*. E fá-lo com a leveza e a eloquência poética de uma boa canção *pop*. Esta “musicalidade” cinematográfica deve-se, claro, aos conhecimentos acumulados por Gondry como realizador quase artesanal de telediscos – muitos dos mais inspirados de algumas das principais bandas do seu tempo – mas também à escrita de Kaufman. Ambos já haviam trabalhado juntos no seu, digamos assim, **Mon oncle d’Amérique** [1980], nessa conjugação “macaca”, assaz darwinista, entre Méliès, Resnais e Marco Ferreri que é **Human Nature** [2001]), mas foi com **Eternal Sunshine...** que conseguiram vencer um Óscar, o de Melhor Argumento, e produzir um – pode dizer-se hoje, volvidos 20 anos – “clássico contemporâneo”.

O sucesso deste filme também se deve, em grande medida, às interpretações dos dois protagonistas, verdadeiro *jackpot* na história do cinema americano dos primeiros anos do novo milénio: Kate Winslet, atriz tradicionalmente associada ao melodrama, aqui no papel da muito “nice” e “fucked up girl” Clementine, e Jim Carrey, um dos últimos grandes *clowns* do cinema americano, dando vida ao “sem vida”, autêntica “amálgama de tristeza”, Joel. Gondry conta, no documentário **Michel Gondry: Do It Yourself!** (2023), como inverteu as indicações expectáveis a dar aos dois atores no *set*. Na sequência do comboio, que marca o decisivo

(re)encontro amoroso (à laia de um muito pouco soalheiro, quer dizer, de um bem invernosso **Before Sunrise** [1995]?), pediu a Winslet para ser o mais pateta possível a interpretar cada ação da sua personagem, ao passo que a Carrey exigiu a sua máscara mais taciturna. A este propósito, notou Vasco T. Menezes («O Despertar da Mente», 21 de maio de 2004, jornal *Público*) como Gondry soube “desligar a tomada” a Carrey: “no seu lugar surge uma figura triste e torturada, vestida em tons cinzentos, com barba por fazer e um olhar que alterna entre a angústia e o desespero”.

Os mundos interiores de Clementine e Joel são os principais *décors* deste filme eivado de uma comicidade lúdica (quase infantil) crescentemente temperada por um sentimento irreparável de perda (muitíssimo mundano, adulto e melancólico). Talvez a sequência mais bonita do filme seja aquela em que os tempos se cruzam – o futuro a comentar o passado, ápice de um coração desfeito em busca de alguma forma de reparação no “lugar onde fomos felizes”... Falo do verdadeiro primeiro encontro entre Clementine e Joel, quando trocam as primeiras palavras na praia em Montauk, lugar para todos os (re)começos, na história das personagens e na história do filme. Acometida por uma clarividência (trans)temporal verdadeiramente pasmosa, ela diz-lhe: “É agora, Joel. Não tarda desaparece tudo. O que fazemos?” Ao que Joel responde, quase sem dar tempo ao pensamento: “Saboreamos!” E ali, naquele passado na iminência de ser erradicado, as personagens revivem o amor que um dia os ligou (ligou para sempre? Mas naquele momento *ainda não* e é na vertigem do *ainda* que saboreiam a [e]terna felicidade) ao jeito de um *carpe diem* vivido no “país sem maravilhas” das memórias, formulando *in actu* a prescrição nietzschiana de que algo só é desejável se quisermos o seu eterno retorno. Algures entre o sonho e o pesadelo, entre os belos dias de sol e os de chuva contínua, ele e ela são *de novo* um casal. Ou, enfim, *um casal renovado*. Neles, nesse movimento de fuga, no tempo e no espaço, é a repetição originalíssima de uma mesmidade que nos vai inundar de melancolia e, como canta Beck, terá o condão de nos arrebatat, a cada (re)visionamento.

Luís Mendonça